

Novo tempo

Luci Hildenbrand (FaEL-NUTE/PROEG/UNIG)¹

A designação dada à televisão como babá eletrônica revela aspectos da vida cotidiana de crianças e adultos no mundo contemporâneo.

Muito se discutiu acerca da presença maciça, praticamente insubstituível e irrevogável, da tevê na vida dos pequenos. Alimentou o imaginário infantil indubitavelmente de forma única; permitiu que, rapidamente, saltassem do mundo real e passassem ao mundo mágico da fantasia, percorrendo caminhos e atalhos que, por si e em circunstâncias factuais, não poderiam ser trilhados; proporcionou a criação de laços afetivos com personagens eletrônicos que lhes impediram de assumir, em certos dias e horários, quaisquer outros compromissos. Isto era compreensível por que tais elementos exerciam papel significativo nos seus modos de entender a realidade, de vivê-la, de nela intervir e expressar-se, de fazer-se sujeito.

Com igual força, a tevê também possibilitou a transmutação de pessoas reais para o Olimpo, conferindo-lhes títulos de reis, rainhas, príncipes, fadas-madrinha – figuras arquetípicas necessárias à inteireza psíquica do ser em formação e transformação.

A indústria cultural – também consorciada à tevê – potencializou grandemente seu capital a partir dos mitos instituídos, bem como enriqueceu aos que por ela foram escolhidos para cumprir tal papel, justificando, através dos meios utilizados, os fins pretendidos. Não há nada de novo nisto; ninguém desconhece esta função dos mídia. É vasta a literatura que discute a questão. Entretanto, sabendo-se que os modos de revelar o mundo refletem intenções sempre questionáveis, cabe indagar: por que nós, professores, não nos dispusemos a contemplar, desvelar e analisar aquilo que nossas crianças e adolescentes viram, ouviram, introjetaram todo este tempo? Temos respostas plausíveis para isto?

As crianças cresceram, adolesceram. Outras nasceram. E os mitos não abdicaram do privilegiado lugar que conquistaram ao lado dessas gerações. Facilmente compreensível: crianças e adolescentes serviram, continuam e continuarão servindo à construção de novos mitos, além de assegurarem vida aos já existentes.

Usando seu poder de influência junto à família – instituição social que sem grandes titubeios cede aos encantos infantis e juvenis – a garotada deu vida aos próprios sonhos e, assim, seus espaços domésticos foram invadidos por aquilo que, até, então parecia compor o mundo imaginário e fantasioso, difundido pelo rádio, pelo cinema, e sobretudo pela televisão.

¹ *Luci Hildenbrand* é Licenciada em Ciências (UFRRJ), Mestre em Educação na área de Tecnologia Educacional (UFRJ), Doutora em Comunicação na área de rádio e tevê (USP). É Consultora em Tecnologia Educacional, Educação, Comunicação, Educação e Saúde. Prof. Adjunto IV da UFRRJ, docente da Universidades Iguazu (UNIG) e Estácio de Sá (UNESA). Contatos: luci.h@ig.com.br

Vestiram-se de Xuxa, de Angélica, de tantas outras deusas incomuns. Calçaram-se com suas sandálias, sapatos e botas; pintaram os olhos e lábios com os tons delas preferidos; puseram cores nas unhas que levavam as suas marcas. Compraram adornos – como brincos, pulseiras, anéis, prendedores de cabelo e tantas coisas mais - para ficar à sua imagem e semelhança. Encheram-se de brinquedos e de vasta parafernália valiosa, planejada para uma vida curta, pois tudo deveria funcionar para que os recursos gerados em volume, sendo de tal ordem, pudessem garantir a expansão, a consolidação e o refinamento da própria indústria.

A evolução tecnológica fez surgir novas mídias. A geração jovem, familiarizada com os códigos e linguagens dos meios cinético-audiovisuais e informáticos, rapidamente se dispôs a navegar pelo mundo virtual recém-revelado, deslizando o *mouse* e digitando o teclado. Passou a descobrir *sites*, baixou músicas, criou *blogs*, falou com amigos usando nova forma de escritura, fez *download* de programas de seu interesse e buscou conhecê-los por percursos próprios ou por outros que envolvessem a cooperação de seus pares. Vivenciou, desta maneira, princípios de auto-aprendizagem e de aprendizagem colaborativa. Com isto entreviu, de algum modo, no desejo de se repensar educação, na medida em que se mostrou um aprendente partícipe de mundo fortemente tecnologizado e, além disso, interessado em construir o curso da história da vida coletiva, sempre – ou quase sempre - revelada aos sujeitos por olhares e dizeres mediatizados.

A mediatização do homem com o mundo se faz por meio da tecnologia, que, hoje, pode ser lida como sinônimo de novidade, inovação, evolução, velocidade, transformação, obsolescência, impermanência. Neste tempo, o celular dispara a sonoridade, nem sempre elegante e bem-vinda, em qualquer lugar e hora: o tempo não pára, disse o verso do poeta, e a tecnologia dá provas disso quando sucumbe, inclusive, até o nosso encontro íntimo com Deus em seu próprio templo.

Precisamos, portanto, como educadores, estar prontos para lidar com aquilo que se revela. Conhecendo os princípios e fundamentos da educomunicação, e estando dispostos a partilhar deles, poderemos assumir, com gradativa complexidade e sofisticação, as diferentes mídias com seus conteúdos na prática comunicativa da educação escolar.

Não há o que temer em se expor à tecnologia, como também não há razão que justifique preocupação em aprender com nossos próprios alunos, se eles mostram possuir grau de alfabetização tecnológica superior ao que temos agora. Fechar-se a isto seria por em evidência, particular discordância com nossos próprios discursos, passíveis, muitas vezes, de serem retomados pela máxima *freiriana* que lembra que ninguém ensina ninguém, e que os homens aprendem em comunhão. Se, além disto, esta asserção remete às teorias interacionistas, interativistas e cognitivistas, cabe indagar: por que não conhecer e experimentar em nosso trabalho as tantas mídias? Por que não descobrir suas possibilidades e limitações nos processos da educação formal escolar? Por que não despertar – em nós e no outro - o desejo de aprender os conteúdos do mundo, sob a ótica da complexidade, se o pensar assim acontece e o mundo assim se mostra?

Atuando ao lado de nossos alunos e, comutando troca de saberes com eles, poderemos não só encurtar caminhos que nos separam, mas ainda chegar a respostas construídas coletivamente. Por certo, assim, será mais fácil descobrir que programas

mediáticos, de interesse das crianças e adolescentes, expressos pelas diversas tecnologias, podem, embora destituídos de conteúdos curriculares da aprendizagem escolar, ser considerados oportunos para a formação humana e pedagógica. Os olhos e aos ouvidos atentos de um professor-leitor são, por certo, os recursos mais sensíveis com que conta a educação, vez que podem tornar educativo aquilo que aparentemente não o é. Em outros termos, resgatando segmento da música-título deste trabalho, de autoria de Ivan Lins e Vítor Martins, destacariamos: “ No novo tempo, apesar dos perigos, da força mais bruta, da noite que assusta, estamos na luta, pra sobreviver... pra sobreviver...”. Metaforicamente é isto: perigos, emboscadas, armadilhas e intenções subreptícias aos textos do mundo nunca deixarão de existir, quer se pense a mídia, quer se pense o próprio mundo; os desafios do mundo, nós os enfrentamos no cotidiano da vida e os da mídia, temos razão para deles fugir?

A resposta à questão pode ser construída a partir do texto da referida música: apesar do que assusta, nós, professores, estamos na luta para enfrentar tudo o que – no novo mundo – possa comprometer o sonho coletivo que insistimos em acreditar e alimentar.